

DUPLA FALTA

Dupla falta

LIONEL SHRIVER

TRADUÇÃO DE DÉBORA LANDSBERG

REVISÃO TÉCNICA DE ATILA SANTOS



Copyright © 1997 Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL

Double Fault

PREPARAÇÃO

Ana Kronemberger

Juliana Romeiro

REVISÃO

Fátima Amendoeira Maciel

Rodrigo Rosa

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte

CAPA

Raul Loureiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S564d

Shriver, Lionel, 1957-

Dupla falta / Lionel Shriver ; tradução de Débora
Landsberg. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.

368p.

Tradução de: Double fault

ISBN 978-85-8057-055-7

1. Tenistas - Ficção. 2. Casamento - Ficção. 3.
Romance americano. I. Landsberg, Débora. II. Título.

11-2240.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Jonathan

Cujo nome verdadeiro eu uso tão raramente, guardando-o para ocasiões especiais. Dedicado com a esperança ardente de que manteremos este texto preso ao papel.

Nota da autora

EM BENEFÍCIO DA NARRATIVA, O SISTEMA DE pontuação do tênis foi simplificado nesta história. Leitores curiosos sobre as complexidades dos sistemas de pontuação norte-americano e internacional, ou a respeito dos computadores da WTA (Associação Mundial de Tênis Feminino) *versus* os da Virginia Slims, devem consultar as diversas publicações especializadas sobre o tema. Algumas outras liberdades foram tomadas, porque *Dupla falta* não é tanto sobre tênis quanto é sobre casamento, um esporte um pouquinho diferente.

*“Raramente você consegue algo quando o deseja muito.
Não há um jogador de tênis no mundo que não possa
dizer quando um oponente está amedrontado.”*

TED TINLING

Um

NO ÁPICE DO LANÇAMENTO, A BOLA PAROU, imune à gravidade. O braço de Willy balançou, relaxado, atrás de suas costas. O saque foi em direção ao sol, que a bola de tênis, em seu apogeu, eclipsou com perfeição. Um halo resplandeceu em torno dela, gravando um círculo na retina de Willy que deixaria uma mancha em sua visão durante todo o serviço.

Paft! Pouco importa o sol. O saque zumbiu no meio da quadra e acelerou, tranquilo, enfiando-se com um *ching* em um buraquinho da cerca de arame. Randy lutou com a Penn-4. O que lhe deu algo para fazer.

Willy piscou. “Nunca olhe para o sol” era uma advertência frequente durante sua infância. Típica de seus pais: desvie os olhos da glória, esquive-se do que se dissipa radiante, como se ela pudesse derreter.

Um farfalhar de folhas fez com que Willy desviasse o olhar da cerca de arame para a esquerda. Como o halo flamejante da bola ainda estava gravado na visão, o rosto do estranho, quando o encontrou, estava envolto por um círculo roxo, como se tivesse sido assinalado para que ela o examinasse. Os dedos estavam enganchados no arame galvanizado. Tinha olhos de predador e o sorriso torto era de uma paciência desconcertante, feito um leão preguiçoso que passaria o dia inteiro à sombra esperando o jantar cruzar seu caminho. Apesar das entradas no cabelo, o homem era magricela, jovem, porém branco demais para ser um dos garotos do Harlem, o bairro vizinho, em busca de bolas perdidas para jogar beisebol de rua. Devia estar procurando a própria bola extraviada; e tinha parado para vê-la jogar.

Willy controlou o saque seguinte, sabendo que Randy teria facilidade em rebater. Não havia sentido em vencer um jogo sem compromisso no Riverside Park ganhando o set inteiro com aces. Contendo as raquetadas, Willy acariciava a bola, enquanto Randy a golpeava. Como sempre, ela ficou admirada com a forma como seus pés faziam dezenas de ajustes infinitesimais por iniciativa própria. Deleitando-se com o diálogo espontâneo, comentário e resposta, Willy ficou decepcionada quando seu backhand com efeito para cima incitou Randy a se exhibir. *Poft*, contra a rede.

A essa altura do primeiro set, às vezes ela perdia um game para manter o adversário entusiasmado. Mas com aquele estranho ainda observando a partida, Willy desistiu da caridade. E não sabia ao certo quanto mais conseguiria aguentar aquele tal de Randy Ravioli (ou coisa assim, um nome italiano qualquer). Ele nunca se calava. “*Ran-dee!*” ecoava pelas dez quadras quando seu lance era aberto demais. Entre um ponto e outro ele fazia recomendações aos frequentadores regulares nas quadras vizinhas: “Está forçando demais no pulso, Bobby!” e “Dobra esses joelhos, Alicia!” À própria Willy fez um elogio: “Para uma garota pequena, você tem bastante força.” E o atarracado entusiasta do tênis era um poço de conselhos úteis: durante o intervalo para a primeira troca de lados, fizera uma demonstração da empunhadura western.

Ela sorria, atenciosa. Agora que estava 4-0, Willy continuava sorrindo.

O serviço do italiano teve uma preparação suntuosa, mas ele bobeou na finalização, portanto, todo o floreio pouco contribuiu para o desempenho. Além disso, querendo acelerar o jogo, Randy tendia a negligenciar a sutileza de fazer a bola aterrissar dentro da área de saque. Cometeu dupla falta, duas vezes.

Quando trocaram de lado novamente, Willy olhou de relance para a esquerda. Aquele homem ainda olhava de soslaio por detrás da cerca. Droga, uma das vantagens das partidas despreocupadas em Riverside era não ser esquadrihada, para variar. No entanto, o sujeito tinha um certo encanto excêntrico, desengonçado... Tentar ignorá-lo só tornava mais evidente que ela sabia que estava sendo observada.

Subitamente constrangida, Willy quicou a bola na linha de fundo seis, sete vezes antes de sacar. Caso o treinador soubesse que estava ali, ele pe-

diria sua cabeça, como se fosse uma princesa do mais puro sangue que não pudesse se misturar com os moleques de rua e assim aprender a provocar os adversários. Mas Willy tinha a impressão de que os amadores afiavam seus reflexos. Eram cheios de surpresas — voleios malconduzidos que, sem querer, viravam deixadas maldosas, ou bolas altas violentas golpeadas com o aro da raquete. E muitos dos membros da turma heterogênea de Riverside exalavam uma alegria benéfica, perdendo com uma mudez acanhada ou uma torrente de gritos de surpresa. Com Randy, a probabilidade de ganhar um “até mais” melindrado era maior, mas ela preferia um insulto sincero ao seco “muito bem” acompanhado de um aperto de mãos frouxo de Forest Hills.

Além disso, o Riverside Park ficava em frente ao prédio em que ela morava, dando ao esporte uma acessibilidade cômoda. As quadras malconservadas lembravam o asfalto esburacado de Montclair, onde Willy aprendera a jogar: ervas daninhas brotavam na linha de fundo, rachaduras se expandiam desde a alameda e folhas desgarradas enfraqueciam rebatidas ocasionais. A ondulação das quadras quatro e sete dava a impressão de que as partidas de tênis aconteciam em mar aberto. A superfície medíocre simulava os spins traiçoeiros e os saques impetuosos de profissionais mais sagazes, e era boa para exercitar o ajuste de centésimos de segundo em caso de quiques bizarros. Crateras e destroços acrescentavam uma dose de humor ao jogo, dissuadindo ambos os adversários a levarem o resultado a sério. Um ou outro assassinato naquela ponta arborizada no norte do parque assegurava bastante tempo disponível para partidas.

No segundo set, os braços de Randy começaram a falhar. Enquanto isso a plateia seguia a bola, seus olhos se movendo rapidamente como os de um lagarto no enalço de uma mosca. Ele era uma distração. Quando o homem macaqueou um “*Ran-dee!*” no momento em que o italiano errava outro drive, o rebote de Willy beijou a fita.

— Você me desconcentrou — disse ela com rispidez.

— Não devia ser tão fácil assim — a voz do espectador era grave e aveludada.

Com uma impaciência súbita, Willy liquidou Randy em dez minutos. Enquanto se enxugavam com uma toalha junto ao poste que segurava a

rede, Willy encarou o adversário com um renovado espanto. Para além da linha de fundo, Randy parecia bonito; tão de perto, exibia as feições empapadas e indistintas de um beberrão.

Emergindo de sua toalha, Randy resmungou:

— Fui roubado.

— Não tinha dinheiro em jogo — retrucou ela.

— Sempre tem alguma coisa em jogo — disse ele em tom agressivo —, caso contrário a gente não joga.

Curvando-se para apanhar a capa da raquete, Randy pôs a mão na coluna.

— Ai, céus! Dei um jeito nas costas semana passada. Acho que não sou mais o mesmo... — ao fechar o zíper da capa, ele explicou que a raquete sofria de “aro cansado”; não muito melhor que um bastão de beisebol, *capisce?*

Max, o treinador dela, frequentemente dizia: “Quando os homens ganham, eles se gabam; quando as mulheres ganham, elas se desculpam.”

— Eu estava em boa forma hoje — concedeu ela. — E você recebeu umas bolas bem difíceis.

— Que tal uma cerveja? — propôs Randy. — Para me recompensar.

— Não, eu vou... ficar por aqui, treinando meu serviço.

— O que você ainda precisa treinar? Como jogar a bola *para fora?* — Randy saiu andando com seus apetrechos numa atitude altiva.

Willy ficou parada, ajeitando a bandana que prendia seus cabelos louros esvoaçantes. O homem detrás da cerca atirou uma bolsa esportiva por cima de uma parte do alambrado que estava dobrada e em seguida saltou.

— Essa foi a exibição mais covarde que já vi — anunciou.

— Ah, os homens sempre dão desculpas — declarou Willy. — Perder para uma mulher.

— Eu não disse que *ele* foi covarde. Estava falando de você.

Ela ruborizou.

— Como?

— Você jogar contra esse gorducho é como um pit bull enfrentar um chihuahua. É isso que você faz quando está de saco cheio?

— Caso você não tenha notado, não tenho saco.

O homem magricela estalou a língua contra o céu da boca.

— Eu acho que tem.

Enquanto Randy era sexy a uma quadra de distância e uma decepção cara a cara, este intruso parecia desajeitado e canhestro de longe, o nariz descomunal e cheio de protuberâncias, a testa saliente, a silhueta ossuda. Mas, de perto, os contornos muito marcados davam lugar a um sorriso provocante, sutil, e a um olhar evasivo, inquieto. Embora seu torso se estreitasse em uma cintura esguia, as panturrilhas e os antebraços se alargavam em músculos com veias saltadas.

— Alguém tem de colocar esses convencidos em seu devido lugar — retrucou ela.

— Os outros convencidos. Está cansada?

Willy olhou para sua blusa seca.

— Se estivesse, não admitiria.

— Então, que tal uma partida de verdade?

Ele girou a raquete, um modelo resistente. Era convencido, mas havia 18 anos que Willy Novinsky não recusava convites para partidas de tênis.

No primeiro golpe que deu na bola, Willy se deu conta de como seu jogo contra Randy fora preguiçoso. Ela se atrapalhou nas três primeiras trocas de bola no aquecimento, e então reorganizou as ideias e mudou de estratégia. Depois de fazer alguns ajustes, os fios soltos da rede irregular ficaram mais nítidos; a tinta desbotada sob seus pés adquiriu um tom de verde mais vivo. As demarcações brancas se ergueram, parecendo flutuar no ar. As rachaduras se tornaram mais pretas e traiçoeiras, e, quando era lançada em sua direção, a bola se agigantava e vinha de um lugar mais específico.

A princípio resguardou-se, medindo o adversário, cujos golpes eram heterodoxos. Certas rebatidas pareciam se dar por pura sorte. Seus movimentos não tinham firmeza: ele cavou uma bola no último minuto, com o que ela poderia jurar ser o balanço de um jogador de golfe. Mas ele avançava sobre todas. Quando ela lançava a bola, ele estava sempre com a raquete afiada, e, embora muitas passadas em que tinha de subir à rede fossem demais para ele, nenhuma vez o flagrou despreparado, simplesmente olhando acabrunhado para a bola.

E não havia nenhum “Ran-dee!”. Ele não pedia desculpas ou soltava palavras. Não murmurava “Se recomponha, Jack!” nem mesmo “Boa jogada”.

Quando o serviço dela era bom, ele levantava um dedo; em um ace, ele levantou a mão aberta. Na verdade, não disse nem uma palavra ao longo da partida.

O JOGO ACABOU RÁPIDO demais, em 6-0, 6-2. Willy caminhou até a rede com uma sensação pesadosa, prometendo a si mesma que não lhe daria desculpas, mas que também não se gabaria. Apesar do placar desequilibrado, houve alguns pontos demorados, agradáveis, e esperava tê-lo como adversário novamente. Antes que ela formulasse um comentário cujo tom tivesse a dose certa de graciosidade e de ausência de arrependimento, ele esticou os braços por cima da fita, pegou na cintura de Willy e ergueu-a no ar.

— Você é tão leve! — elogiou, colocando-a delicadamente no chão da quadra. — E tem uma força *inacreditável* — ele enxugou a palma da mão na camiseta ensopada e estendeu o braço de um jeito cerimonioso. — Eric Oberdorf.

Apertaram-se as mãos.

— Willy Novinsky.

Ela estava preparada para o habitual laconismo mal-humorado, ou para uma alegria afetada, como se a competição fosse mera bobagem, explicitada pela exagerada disposição para discutir outros assuntos. Mas sorrindo de orelha a orelha, ele falava apenas de tênis.

— Então seu pai pendurou uma raquete Dunlop-5 em cima do seu berço, não foi? Arrastava você do Junior Open para o Orange Bowl, enquanto todos nós assistíamos à tevê. E nem precisa me dizer... papai está a caminho. Como você tem só 19 anos, ele ainda te põe na cama às dez em ponto. Sua mina de ouro precisa descansar.

O fato de já ter 23 era uma questão tão delicada que ela foi incapaz de corrigi-lo.

— Não conte muito com isso. Meu pai está em Nova Jersey, esperando que eu deixe de lado minhas manias de infância. Como a minha raquete de tênis.

Ela estava guardando a raquete quando Eric segurou-lhe o braço.

— Que tal relaxar com uns ralis?

Willy olhou para o céu, a luz minguava. Já tinha umas quatro horas que estava jogando, o limite em um dia comum. Mas o ar, ao passar do rosa ao cinza, evocava as partidas que o pai jogava com ela quando chegava do

trabalho, e a hora em que ele avisava que mamãe já tinha preparado o jantar e Willy suplicava por mais alguns pontos. De vez em quando, ele cedia. Ela não se tornaria a adulta que insiste que é hora de parar.

— Alguns minutos — ela supôs.

Eric fez um voleio. Ela sugeriu, hesitante:

— Seu backswing... vá só até a altura do ombro direito.

Em cinco minutos, Eric já tinha diminuído em quase oito centímetros seu backswing. Ela o olhou com admiração. Ao contrário da maioria dos amadores, cuja variedade de livros ensinando os princípios básicos do jogo e de aulas caras de meia hora com profissionais exauridos era inversamente proporcional à capacidade de aplicar seus conselhos, Eric pôs em prática a observação imediatamente, como se tivesse instalado um novo programa de computador. Willy era cautelosa com as instruções quando o aluno as absorvia tão rapidamente, pois transformar palavras em ações era um talento raro. Com um aluno tão crédulo e hábil, poderia sabotá-lo se quisesse, alimentando-o com maus hábitos como se desse carne envenenada para um cachorro.

Fechando a capa da raquete, Eric concluiu:

— Hora de tomar aquela cerveja do Randy. Flor de Mayo. Estou morrendo de fome.

— Não sei se entendi... você está me *convidando* para sair?

— Estou dizendo onde nós vamos jantar.

— Como você sabe que eu não tenho um compromisso com algum amigo?

— Você não tem — disse ele. — Duvido que tenha muitos amigos.

— Pareço tão legal assim? — indagou ela, sarcástica.

— Ninguém que joga tênis como você é *legal*. E ninguém que joga tênis como você passa muito tempo de mãos dadas com alguém dentro de um bar.

— E você vai mudar tudo isso? — zombou ela.

— Quanto a ficar vadiando nos botecos, não. Mas ter uma mão para segurar não faria mal nenhum — Eric pegou a bolsa esportiva de Willy e também a dele, e, com as duas, ao cair da noite, caminhou em direção à quadra três com passos satisfeitos. Havia intuído, e estava certo, que, onde quer que suas raquetes fossem, Willy iria atrás.

— ENTÃO, DE ONDE vem “Willy”?

Como seus pedidos para que considerasse as agradáveis mesas na varanda do West Side Cafe foram definitivamente ignorados, estavam sentados no interior apertado do Flor de Mayo. Willy estava se recuperando da zanga boba por ter sido aliciada para um festival de comida cubano-chinesa gordurosa. Pelo menos o restaurante era limpo e pouco movimentado; o vinho branco era bebível.

— Você gostaria que te chamassem de “Wilhemena”?

— Eca. O que seus pais estavam tentando fazer com você?

— Digamos que não é um nome que se espere ver num placar luminoso. Minha irmã mais velha se deu pior ainda: “Gertrude”, dá para acreditar? A quem eles barbaramente deram o apelido de “Gert”.

— Eles têm alguma coisa contra a sua irmã?

Willy fez uma careta. Ele estava apenas tentando entabular uma conversa, mas ela tinha tão poucas oportunidades de falar sobre qualquer assunto que não seus golpes de fundo em posição aberta *versus* posição fechada que se deixou levar.

— Eles têm alguma coisa contra o mundo inteiro, no qual generosamente nos incluíram. Mas meus pais não têm nenhum rancor específico em relação à Gert. Os sentimentos deles pela minha irmã são moderados. Moderação é o que ela provoca. No ensino médio, ela tirava “B” de propósito. Agora ela está estudando contabilidade. Esse bom-senso calculado devia fazer a felicidade do meu pai. Mas não faz. Pelo que eu entendo, os dois conseguiram o que merecem... Desculpe, você não tem nenhum motivo para ter o mínimo de interesse nisso.

— Ah, mas eu tenho.

Temendo que ele acrescentasse algum comentário galanteador e odioso, ela prosseguiu rapidamente:

— Acho que eles tiraram “Wilhemena” e “Gertrude” do asilo onde minha mãe trabalha. Mesmo quando crianças, as pessoas deviam achar que éramos duas velhas solteironas.

Com prazer, Eric tomou sua cerveja num único gole.

— Você é muito nova para se preocupar em se tornar uma velha solteirona.

Em termos profissionais Willy já estava chegando perto da decrepitude; esse homem instintivamente se concentrava nos pontos fracos.

— Não estou preocupada — defendeu-se, bem-humorada. — É a improbabilidade de ver “Wilhemena Novinsky” num placar de Wimbledon que me incomoda.

— Wee-Willy-Wimbledon. Até que é sonoro. Além disso, dane-se o nome, mais um obstáculo a superar. E nisso você é bem-sucedida, tenho certeza. Eles te fizeram um favor.

Toda essa pretensa familiaridade era irritante, e ainda mais intrusiva por ser certa.

— Se meu sucesso está relacionado a obstáculos, meus pais me fizeram dezenas de favores.

O garçom se aproximou com as metades dos frangos assados e montanhas de arroz frito. Eric havia pedido dois pratos para si, que pôs lado a lado.

— Você vai comer isso tudo?

— E o que sobrar do seu, já que você não vai comer tudo.

— Como é que...? — ela desistiu. Ele tinha razão. Não comeria tudo.

O arroz estava delicioso, com pedaços de porco e ovos. O frango se soltava do osso.

— Não fique com esse olho gordo — disse Willy. — Talvez eu coma mais do que você imagina.

— Só me prometa que você não vai vomitar tudo depois.

— Não sou tão banal assim.

— Não tem um pai que te obriga a jogar tênis, não tem bulimia e não é gorda — Eric contou os itens nos dedos. — Bom demais para ser verdade. Então você *tem* que ter um caso com o seu treinador.

Willy não resistia a disputas, mas isso já era o cúmulo.

— Não é da sua conta.

Os olhos dele brilharam; poderia muito bem ter rabiscado a resposta dela em um cartão de pontuação.

— Aproveitando que estou sendo grosseiro... — Eric levou o guardanapo à boca; ela não entendia como ele conseguia engolir tanto arroz sem deixar de lado as boas maneiras. Achou que ele comeria feito um animal.

— Em que lugar você está no ranking?

Não havia escapatória. No circuito do tênis, essa pergunta surgia cinco vezes por dia, embora escondesse muito mais malícia do que “Qual é o seu signo?”.

Willy apoiou o garfo ao lado do vinagre de forma precisa, em seguida ajeitou a posição do talher em menos de meio centímetro, como se fosse para indicar a natureza gradativa do progresso em seu esporte.

— Sou a 437^a. Mas isso é no *mundo*...

Ele ergueu as mãos.

— Eu sei! Fico surpreso por sua posição ser tão alta.

— Surpreso! Eu te venci de lavada hoje!

Ele riu.

— Wilhelm! — ele pronunciou seu novo nome com um “V” germânico. — Eu só estava querendo dizer que não esperava esbarrar numa top 500 em um dia normal. Quanta sensibilidade.

— Não existe nenhum tenista na face da terra — Willy resmungou, voltando a pegar o garfo — que não seja sensível no que diz respeito a esse número. Seria a mesma coisa que perguntar no nosso primeiro encontro quanto eu ganho, ou se eu tenho Aids.

— Então é assim que você chama isso? — indagou ele, corajoso. — De encontro?

— Você entendeu — murmurou ela, perturbada. — A posição no ranking é... o quanto você vale como pessoa.

— Você não acha que está dando a eles um pouco de poder demais? — Eric a censurou, desta vez parecendo sincero.

Ela perguntou com sarcasmo:

— E quem são *eles*?

— *Eles* são qualquer pessoa que você não pode deixar que te derrote — retrucou Eric. — E o pior crime é pensar como as pessoas que querem a sua pele.

— Então, talvez você seja meu *eles*?

— Eu estou do seu lado.

— Só houve uma pessoa que esteve do meu lado na minha vida.

— Você mesma?

— Não — admitiu ela. — Não estou sempre do meu lado — isso estava se tornando confuso. — Estou falando de uma pessoa de verdade.

— Mas você não gostou disso?

— Gostei. — A pergunta a tinha deixado acanhada. — Será que a gente não pode parar de falar de mim um pouco? Por exemplo, o que você faz?

— Eu me formei em Princeton em maio. Matemática. Agora tirei um tempo só para jogar.

— Comigo?

— Sim, mas para jogar, não brincar. Jogar é coisa séria. Você mais do que ninguém devia saber disso.

— Você tem... irmãos? — A pequena quantidade de respostas espirituosas nos vestiários havia deixado Willy enferrujada e sem imaginação para conversas à mesa.

— Três irmãos. Meu pai quer dominar o mundo.

Ela deixou passar a insinuação de que um patriarca só poderia fazê-lo com filhos homens.

— Você é o mais velho — concluiu.

— Muito bem.

O que ele estava aplaudindo, ou deveria ter aplaudido, era o fato de que por um instante ela fez o esforço de imaginar estar na pele de outra pessoa que não Willy Novinsky. Ser ensimesmado era um efeito colateral de sua profissão. Ah, você pensa no *jogo* dos outros, tudo bem — em como sacavam e faziam um voleio, qual era o ponto vulnerável deles dentro da quadra. Mas tudo isso não passava de um jeito indireto de pensar em si mesmo.

— Princeton — ela acenou com a cabeça. Abrir-se com ele era trabalhoso. — Inteligente, então. Você não conseguiria trocar duas palavras com as pessoas que eu conheço.

— Duvido que você as conheça, e que elas conheçam você. Tenistas do circuito feminino vivem em um universo paralelo. Mas são todas burras como uma porta.

— Obrigada.

— Os homens também não são físicos nucleares — Eric teve a prudência de acrescentar.

— Seus pais são endinheirados, não é? — Os bons modos à mesa o denunciavam.

— Vai usar isso contra mim? — Eric pegou a coxa de frango com o mindinho levantado, como se bebericasse um chá.

— Talvez eu guarde rancor — admitiu ela.

— Ponto: você não é financiada por novos-ricos alpinistas sociais — ele mais uma vez contou nos dedos. — E não tem pai controlador, não tem transtorno alimentar e não é gorda. Quatro respostas certas em cinco está de bom tamanho.

Era óbvio que o fato de Willy não negar ter um caso com o treinador foi um golpe em Eric.

— Isso é um teste?

— Eu também não estou sendo testado? — retrucou ele. — Princeton: motivo de orgulho. Matemática: nem lá nem cá. Dinheiro: mau sinal.

— Você é judeu, não é?

— Tecnicamente. Conta ponto a favor ou contra? Olha o que você vai dizer.

Willy disse, com sinceridade:

— Não ligo.

— Então por que perguntou?

Ele a deixava nervosa.

— Acho que eu também sou burra como uma porta — ela o encarou.

— Quando estávamos vindo para cá e eu te perguntei se o seu nome é polonês, tive a impressão de que você sabia que a Polônia fica no Leste Europeu e não no Círculo Polar Ártico.

— A burrice pode ser uma vantagem no tênis — sugeriu Willy, catando pedaços de porco no arroz.

— Diz o ditado que é um jogo em que você deve ser inteligente o bastante para se sair bem, e burro o suficiente para acreditar que isso tem alguma importância. — Incrivelmente, Eric tinha limpado o primeiro prato e fazia rápidos progressos no segundo.

— Quando há dinheiro em jogo, o tênis tem importância — Willy lhe garantiu. — Não, eu vejo o pessoal de 14 anos vencendo jogos com facilidade na tevê e penso, eles não percebem, não é? O quanto são incríveis. Eles não questionam o fato de estar entre os dez melhores do mundo porque não têm noção de quantas pessoas *existem* no mundo. E joga-se

melhor de cabeça vazia, despreocupada. *Nada* passa pela cabeça desses garotos além do tênis. Nada de extermínio na Guerra do Golfo, nada de disputa entre Clinton e Bush nas eleições, entre uma orelha e outra só existem bolas quicando.

Contudo Willy não tinha muita certeza de que ela mesma desmerecesse os tenistas como pessoas tolas. Sim, um jogo de tênis requintado era executado num estado de consciência vazio que a maioria consideraria um não pensar. Mas o necessário era, precisamente, o pensamento sem falhas — já que encarar a hesitação, a ruminação e a indecisão afetada como pontos altos do funcionamento da mente dava uma má reputação ao pensamento. O pensamento supremo saía do corpo sem palavras, na forma de ação pura. Em teoria, pensar era agir.

Mas o tempo entre a formulação do pensamento e a realização também se encurtava no Flor de Mayo. Willy não escutava mais as palavras na cabeça antes de derramá-las na mesa, e assim se tornou espectadora de sua própria conversa tanto quanto Eric, e tinha igual curiosidade de saber o que ela mesma diria. Havia, portanto, uma fluidez similar a ser descoberta na fala.

Claramente esperando mais uma resposta certa, Eric indagou:

— Você vai para a faculdade?

Com o sentido de “vai fazer”, ou de “está fazendo”, e não de “já fez”. Depois de conhecer esse cara há algumas horas, Willy já tinha um segredo.

— Não — declarou categoricamente.

Ele respirou fundo, pareceu estar ponderando melhor o sermão, e expirou o ar, dando preferência às sobras do arroz frito dela. Ela lhe deixara uns poucos camarõezinhos. Havia algo de magnífico na quantidade de comida que ele tinha consumido.

— Então, quais são os tenistas que você admira? — perguntou ele.

— Sou antiquada. Ainda sou obcecada pela última geração. Connors. Navratilova.

— Ela chora — ele se desesperou.

— E daí se ela tem vontade de chorar? Aposto que você gosta do *Sampras*.

— Quem não gosta? — Eric deu de ombros. — Os golpes dele são impecáveis.

— Ele é um robô — Willy fez cara feia. — Sou muito mais o McEnroe e um ataque de raiva de verdade de vez em quando. John mostrou ao mundo o que é o tênis: paixão.

— Tênis é controle — discordou Eric.

— Tênis é *tudo* — Willy declarou com emoção.

Eric riu.

— Bem, eu não chegaria a tal ponto. Mas você tem razão, não são os olhos. O jogo de tênis é a janela da alma.

— Então, o que você descobriu sobre mim pelo meu jogo?

— Você joga — respondeu Eric prontamente — por amor. O Sampras ama ele mesmo. Você ama o tênis.

— Eu tenho ego, garanto. — Ela estava absorvendo o que ele disse.

— Você tem uma coisa muito mais nobre que ego, Wilhelm — afirmou Eric, diminuindo o tom de voz. — Que, se você não tomar cuidado, seu ego pode destruir.

Místico demais; Willy recuou.

— Sampras: o fato de não haver nada de errado no jogo dele é o que há de errado. Talvez, mais que tudo, o sentido do tênis sejam as falhas.

Ele riu.

— Nesse caso, eu tenho futuro.

— Seu jogo é... incoerente — arriscou Willy. — Como se você pegasse um pouquinho daqui e mais um pouco dali, feito um trapeiro.

— Trapos — ele disse de um jeito seco. A conta chegou; ele calculou sua parte e olhou-a com expectativa.

Ela se curvou para pegar a carteira, envergonhada pela suposição de que ele pagaria.

— Não quis dizer que é esfarrapado. Você fez com que eu me esforçasse hoje.

— Nossa — caçoou ele. — Que grande elogio.

— Elogio é elogio — ela espalmou uma nota de dez sobre a conta. — Fique contente com o que conseguir.

Willy tinha ficado ofendida. Distribuía lisonjas com tanta parcimônia, a quem quer que fosse, e por isso esperava que ele corresse para casa com seu louvor e o guardasse debaixo do travesseiro. Ele não a intimidaria para

obter uma ovação entusiástica. Ele era melhor do que ela esperava. Ponto final.

Eric se ofereceu para acompanhar Willy até o prédio dela, mas ao subirem a Broadway o clima entre eles estava pesado devido ao rancor.

— Boa, a comida — ela se esforçou para dizer quando estavam na rua 110.

— Você achou que seria horrível.

— Não achei!

— “Restaurante cubano-chinês? Feijão e coisas desse tipo?” Você ficou choramingando: “Quer dizer, se é isso que você quer.” Capriati *vintage*.

Ela riu.

— Tudo bem, eu achei que a comida seria repugnante. — O clima ficou mais suave. Willy se aproximou um pouco mais do acompanhante, mas ele ainda teria de esticar o braço para pegar-lhe a mão.

Os braços dele balançavam, livres.

— O que você vai fazer amanhã?

— Vou para Westbrook, em Connecticut, para passar o fim de semana. É lá que eu treino.

— Posso ir te ver?

Era protetora com relação ao Sweetspot, mas uma visita serviria a seus propósitos.

— Talvez.

Eric anotou os números de telefone dela na margem da licença para usar as quadras de tênis da cidade de Nova York.

Ela ficou alguns instantes inclinada para a frente, à espera de um beijo. Ele não vinha. Sob o clarão da luz da entrada, alguns indóceis fios mutantes das sobranceiras densas de Eric cintilaram, alguns deles de quase quatro centímetros de comprimento. Intrigada, sem pensar direito, Willy estendeu a mão para arrancar o pelo mais longo.

Ele lhe deu um tapa na mão.

— Desculpe — pediu quando Willy esfregou os nós dos dedos. Tinha batido com força. — Eu gosto deles.

Com as faces ardendo, Willy fitou os próprios tênis.

— Acho que eu também gosto desses fios esquisitos — murmurou. — Deve ser por isso que eu quis um.

Quando levantou a cabeça, ele estava pinçando o mesmo pelo perdido e grande demais; arrancou-o e o colocou na palma de sua mão.

— Então é seu.

Ela fechou a mão em torno do espécime. Não soube o que dizer. Willy não estava acostumada a encontros.

— Eric? — Foi a primeira vez que pronunciou o nome dele. As sílabas pareceram canhestras em sua boca, o uso delas uma concessão monumental à existência do rapaz. — Eu fiz faculdade, sim. Meu pai me obrigou. Abandonei, depois do primeiro ano, para virar profissional. Não tenho 19 anos, tenho 23. Estou muito atrás. Tenho muito, muito pouco tempo.

Como recompensa pela troca bem-sucedida, um pelo da sobrancelha por uma confissão, ele a beijou. Willy só podia segurar um ombro largo. A outra mão segurava o presente peculiar de Eric. Inexplicavelmente, ao entrar em seu apartamento ela o guardaria em um lugar seguro.